

Memória coletiva, folclore e turismo: o folclore das flores na Festa da Cerejeira em Garça/SP

Tamara de Souza Brandão Guaraldo¹

RESUMO

Este artigo apresenta o folclore das flores, de origem japonesa, presente na Festa da Cerejeira de Garça, interior do Estado de São Paulo. Para tanto, discute-se a relação turismo e folclore, com destaque para os conceitos de identidade e de memória coletiva. Foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, entrelaçando a história da cidade, a colônia japonesa e a Festa da Cerejeira. De festa folclórica, atualmente a Festa da Cerejeira se converteu em um evento de massa, não se restringindo a elementos da cultura nipônica. Contudo, o folclore das flores pode ser considerado como uma lembrança da terra natal, perpetuando a identidade e a memória coletiva do grupo. Portanto, a memória coletiva presente na Festa da Cerejeira não envolve apenas representações do passado da colônia japonesa, mas entrelaça práticas que vinculam o presente ao passado, numa dinâmica que reelabora a festividade a cada ano.

PALAVRAS-CHAVE

Memória Coletiva. Folclore. Turismo. Identidade.

Collective memory, folklore and tourism: the folklore of flowers at the Cherry Festival in Garça/SP

ABSTRACT

This article presents the folklore of flowers, of Japanese origin, present in the Cherry Festival in Garça, the State of Sao Paulo. Thus, it discusses the relationship between tourism and folklore, with emphasis on the concepts of identity and collective memory. We performed an exploratory and descriptive research, linking the city's history, the Japanese colony and the Cherry Festival. Folk festival, now the Cherry Festival has become a mass event, not restricted to elements of Japanese culture. However, the folklore of flowers can be seen as a reminder of the homeland, perpetuating the identity and collective memory of the group. Therefore, the collective memory present in the Cherry Festival is not just representations of the past of the Japanese colony, but intertwined practices that bind the present to the past, a dynamic that reworks the festival each year.

KEYWORDS

Collective Memory. Folklore. Tourism. Identity.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília-SP). Bolsista CAPES. Jornalista. E-mail: tamaraguaraldo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A história é construída lentamente, mas tentamos alcançar o tempo quando a escrevemos. Passado o tempo, fatos e datas se esvaem, pois a memória de origem vai se perdendo, perdendo assim a identidade individual e coletiva, numa espécie de amnésia social: “[...] na história de vida, perder o tempo é perder a identidade, é perder a si mesmo” (BOSI, 2003, p. 45). Recuperar esse tempo é reconstruir a memória no presente, atribuindo significado e valor a cada momento vivido.

Para Halbwachs (1990) o homem é um sujeito inserido em tramas coletivas, sendo a memória não apenas a reprodução do passado, mas uma reconstrução a partir das experiências vividas.

Esse estudo, de caráter exploratório descritivo, tem como objetivo descrever uma reconstrução da memória: as manifestações folclóricas japonesas presentes no folclore das flores na Festa da Cerejeira de Garça, interior do Estado de São Paulo. A Festa da Cerejeira é um evento anual que evidencia a memória coletiva da colônia japonesa e contribui para a cultura local e o crescimento do turismo na cidade, pois recebe todos os anos muitos turistas. Para tanto, discutimos a relação turismo e folclore, pois esse tema procura ressaltar a cultura e a história das manifestações, sua memória coletiva, para que essas não caiam no esquecimento. Esse tipo de pesquisa envolve um planejamento flexível, com o uso da pesquisa bibliográfica e observação (DENCKER, 1998).

Além de discutir a relação entre o folclore e o turismo, a pesquisa bibliográfica também permite conhecer o cenário da Festa e a colônia japonesa. Já a pesquisa descritiva é a metodologia mais indicada quando se pretende descrever determinados fenômenos. Uma de suas formas mais comuns é a observação, que pode ser definida como o processo de olhar e escutar outras pessoas. O método da observação assistemática, também chamada de “simples”, “não estruturada”, consiste em realizar, sem planejamento elaborado, a observação de certos fenômenos. É caracterizada pelo fato do conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se determinem previamente os aspectos relevantes e os meios para observá-los (RUDIO, 2004). Oferecendo uma visão dinâmica dos processos de interação e de relação entre os grupos, a observação foi efetuada durante a Festa da Cerejeira da cidade de Garça, no período dos seus quatro dias de Festa, em diferentes anos e edições e registrados em um bloco de notas, pela pesquisadora.

É importante destacar que a pesquisa em Folkcomunicação, ao lidar com manifestações culturais, permite aos pesquisadores múltiplas escolhas e o uso de métodos de diferentes origens (CARVALHO, 2005).

TURISMO, FOLCLORE E COMUNICAÇÃO

Se definirmos turismo como uma atividade que engloba movimentos de viajantes, essa é tão antiga quanto à história da humanidade, entretanto, foi somente no século XX que a atividade turística se projeta como uma indústria em expansão. Especialistas definiam o turismo como uma viagem para locais distantes, que exigiam a permanência do turista por mais de 24 horas no local, e que, além disso, esse não exercesse nenhuma atividade remunerada na localidade visitada. Principalmente a partir dos anos 1970, ao lado de outros setores econômicos, o turismo vem caminhando para uma nova era de entendimento. Porque no passado o ato de viajar significava dificuldades na tentativa de obter uma satisfação parcial e, hoje, deve ser entendido como uma atividade cada vez mais acessível e que propicia a busca de prazer (TRIGO, 2004).

Com o advento das novas tecnologias em comunicação e transporte, o mundo mudou e, com esta transformação o turismo tem seu destaque em todo o planeta. Os conceitos também mudaram, e segundo Trigo (2004), o turismo pode ser definido como o movimento de indivíduos e grupos de uma localização geográfica para outra por prazer e/ou negócios, em caráter temporário; o atendimento das necessidades dos viajantes em trânsito ou no destino; e os impactos econômicos, socioculturais e ecológicos que os turistas e setor turístico causam no ambiente. Essa definição implica que o turismo pode ser compreendido, em síntese, como: a) uma indústria composta por atrações, transportes, facilidades/serviços em geral, informação e promoção; b) um ato social que permite as pessoas se expressarem enquanto viajam a negócios ou lazer; c) o reflexo da expressão da cultura local, da identidade e da composição social.

Em se tratando da identidade, essa pode ser compreendida como segmentada e relacional, mobilizando sentidos vários, de acordo com o local, a ideologia e a cultura de seus participantes, permitindo sua constituição (LUCENA FILHO, 2007).

Ao evidenciar a questão da identidade e da cultura local, o turismo pode se associar ao folclore, e com ele se integrar, pois, na área da atração turística, como mensagem de “comunicação e propaganda”, se inclui o folclore (MEGALE, 2011).

O turismo como atividade econômica pode trazer benefícios às comunidades que tem possibilidade de explorá-lo, porém, ao utilizar-se de festas de cunho popular como atrativo

turístico não se pode perder de vista o caráter social e identitário, o meio geralmente familiar em que essas manifestações se desenvolvem e a tradição cultural presente.

O Brasil utiliza o folclore como atrativo turístico e gerador de receitas. Para isso é necessário uma atenção especial às manifestações folclóricas que representam a cultura de um povo. Santos (2004) discute a relação entre o turismo e o folclore e afirma que essa pode oferecer oportunidades de desenvolvimento das comunidades a partir das possibilidades econômicas geradas pelo turismo. Essa relação pode propiciar oportunidades de trabalho, aumentar o número de atividades desenvolvidas, melhorar a arrecadação de impostos, auxiliar os meios de acesso e transporte na localidade, e até influenciar a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem num pólo de atração turística (SANTOS, 2004). Apesar disso, é preciso que o processo econômico não extrapole o artístico, para que não ocorram descaracterizações das manifestações culturais ao serem promovidas além de seu âmbito original.

A promoção do turismo acontece pelo viés das relações públicas, publicidade e jornalismo e de todos os canais de comunicação disponíveis, da prática do turismo e dos membros da comunidade que recebem o turista (BENJAMIM, 2000).

Em documento apresentado ao VIII Congresso Nacional de Folclore, realizado em Salvador (BA), entre os dias de 12 a 16 de dezembro de 1995, com vistas à releitura da Carta do Folclore Brasileiro, a Comissão Pernambucana de Folclore declarou:

A relação folclore e turismo é um dado de realidade que não pode ser escamoteado. Já não se trata de ser a favor ou contra o turismo, mas se discutir o modo como a relação folclore e turismo está se realizando e recomendar o seu redirecionamento com vistas à preservação do folclore (BENJAMIN, 2000, p. 122).

Para o turista, o folclore é o que torna um lugar atrativo, porque para ele, tudo é diferente da região de onde procede. Para o povo, o folclore é parte de seu sistema cultural, do seu dia a dia, não sendo incrível e nem fora do comum. “As manifestações folclóricas, como fatos culturais, existiram, existem e existirão sem o turismo, com o turismo ou apesar do turismo” (BENJAMIN, 2000, p. 122).

Hoje, as manifestações folclóricas estão bastante relacionadas à promoção turística. Celebrações tradicionais são apropriadas pelo governo, ou por empresas de comunicação em nome de grupos que as patrocinam, e assim conseguem mudar os locais e até o calendário de eventos, podendo acarretar conflitos. É o turismo cultural na área do folclore.

A utilização dos meios de comunicação de massa tem sido uma constante quando os órgãos públicos e empresas comerciais tentam se apropriar das festas populares para convertê-las em grandes eventos de massa. [...] As festas, em geral, vêm sofrendo significativas mudanças em sua organização, no Brasil, resultantes da massificação da cultura, da urbanização, da divisão do trabalho e da modalidade da economia capitalista adotada (BENJAMIN, 2004, p. 136).

Alguns problemas decorrentes da relação entre folclore, turismo e comunicação de massa são: o deslocamento das manifestações para longe das comunidades e de seus padrões; a mudança de horários das apresentações, seguindo o interesse de patrocinadores ou dos meios de comunicação de massa; a conversão da manifestação em atrativo turístico descaracterizando seu significado folclórico e de identidade cultural, para o espetáculo comercial da cultura de massa.

Ao discorrer sobre as estratégias de sobrevivência das culturas regionais em face do processo de globalização, Benjamin (2004) percebe o folclore em toda a sua dinamicidade, como um canal de comunicação coletiva que está sujeito às mudanças e a determinadas circunstâncias sociais, econômicas e políticas. O turismo e a comunicação de massa são parte desses fatores que interferem no folclore. Para o autor, a ideia de um impacto apocalíptico precisa ser relativizada, pois existem variados processos culturais moldando as identidades no país (BENJAMIN, 2004). Uma das estratégias que as culturas tradicionais utilizam para sobreviver é a “fusão com elementos da cultura de massa”, gerando novos produtos:

[...] a fusão de elementos da cultura tradicional com elementos da cultura de massa, constitui um processo próprio da dinâmica cultural; a ideia do portador de folclore como uma pessoa ágrafa e pré-lógica é absolutamente incompatível com os tempos atuais; a população de cultura folk não está isolada, mas, pelo contrário, encontra-se articulada com a cultura de massas (BENJAMIN, 2004, p. 28).

O autor cita o exemplo da música sertaneja tradicional que, ao ser modificada pela indústria fonográfica com o uso de novos instrumentos, gerou não apenas a aceitação do produto em um novo público, mas também em seu grupo de origem. Desse modo, a Folkcomunicação², ao investigar as relações entre a comunicação de natureza folclórica com a

2 A Teoria da Folkcomunicação tem origem na tese doutoral de Luiz Beltrão defendida em 1967 na Universidade de Brasília: *“Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias”*. Nesta tese o autor buscou identificar na cultura popular um sistema pelo qual seus portadores intercambiariam mensagens, informação e educação em determinadas condições socioeconômicas, e ao se empenhar neste propósito, percebeu que a transmissão de mensagens populares ocorria principalmente através do folclore. Ao observar essas manifestações, Beltrão decidiu denominar esse processo que mesclava, muitas vezes, o folclore e a comunicação, de Folkcomunicação, que seria “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e

comunicação de massa, parte da ideia que os membros das culturas tradicionais não estão isolados socialmente, mas convivendo com diferentes grupos de interesse, seja a comunicação de massa, seja o governo ou grupos econômicos ligados ao turismo, intercambiando informações pelos mais variados canais:

Tal situação coloca os estudiosos da Folkcomunicação diante de novas realidades – incorporação de novas tecnologias, acesso a informações globalizadas, participação no consumo da sociedade de massas, ao mesmo tempo em que se preservam expressões culturais tradicionais e a hibridização convive com a resistência cultural (BENJAMIN, 2004, p. 48).

Desta maneira, essas novas relações provocam mudanças culturais que passam a integrar a dinâmica da vida social.

FOLCLORE E IMIGRAÇÃO JAPONESA

Folclore pode ser definido como aspectos particulares da cultura de uma sociedade. O folclore não existe em estado puro, por isso é difícil determinar a fonte principal de um fato folclórico. O folclore é uma “situação da cultura”, que representa categorias sociais dos produtores dos modos de sentir, pensar e fazer do povo (BRANDÃO, 2000).

Para Lucena Filho (2007) só compreendemos o folclore quando o relacionamos a vida de uma coletividade em seu cotidiano, na cultura familiar, nas relações contínuas de um universo afetivo, mas também nas instituições públicas e privadas que o promovem.

É nesse sentido também que Halbwachs (1990) trabalha o conceito de memória coletiva, como sendo a função de identidade dos grupos sociais, pois essa memória serviria para integrar e permitir a continuidade desta identidade, assim como propiciar que sentimentos de pertencimento surjam e o passado seja reconstruído segundo interesses particulares de um grupo.

Na cultura brasileira a formação da identidade vem da cultura dos três povos formadores: português, indígena e africano. Contudo, o folclore brasileiro também sofreu influência de outros povos em diversos períodos, como os espanhóis, os alemães e italianos. Já a contribuição japonesa é de origem mais recente, pois os mesmos aqui aportaram a partir de 1908, já período da República. Como destino dos imigrantes nipônicos, destacou-se o Estado de

meios ligados direta ou indiretamente ao folclore (BELTRÃO, 2001, p. 79). Sem deixar de lado essa definição, Roberto Benjamin, aluno e discípulo de Luiz Beltrão, ampliou o conceito, especialmente no que se refere às relações entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa, definindo uma nova abrangência para a Folkcomunicação. Para saber mais, ler: Benjamin (2004 e 2000).

São Paulo, pois muitos chegaram ao porto de Santos e vieram para trabalhar na agricultura do interior do estado. Do folclore nipônico temos no país a presença do folclore das flores, dos frutos, na culinária o *sushi* e *sashimi*, e as artes marciais (MEGALE, 2011).

O navio *Kasato-Maru* partiu do porto de Kobe em 28 de abril de 1908, e trouxe a bordo 830 passageiros, numa viagem de 52 dias, com os 781 primeiros imigrantes vinculados ao acordo migratório estabelecido entre Brasil e Japão (ASSOCIAÇÃO PARA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, ACCIJB, 2008).

Em 18 de junho de 1908, o navio atracou no porto de Santos, dando início à imigração japonesa no Brasil e no Estado de São Paulo. Os 781 japoneses recém-chegados foram distribuídos em seis fazendas paulistas.

Transportando a bordo 781 imigrantes lavradores contratados (165 famílias com 733 membros e mais 48 avulsos) pela Companhia Imperial de Colonização Ltda. (presidida, por Ryu Mizuno), o vapor *Kasato-Maru* chegou às 9,30 horas do dia 18 de junho de 1908 ao porto de Santos. Era o começo da imigração contratada para as fazendas de café do Estado de São Paulo. Por isso, o nome *Kasato-Maru* passa a constituir um símbolo do relacionamento entre o Brasil e o Japão (KIYOTANI; YAMASHIRO, 1992, p. 63).

Após um duro período de adaptação, muitas famílias abandonaram as fazendas. Em setembro de 1909, apenas 191 imigrantes permaneceram nas fazendas que os contrataram. Mesmo assim, no ano seguinte chegava a segunda leva de imigrantes no dia 28 de junho de 1910 a bordo do navio *Ryojun-Maru*, no porto de Santos com mais 906 trabalhadores a bordo. Esses trabalhadores viveriam os mesmos problemas de adaptação dos compatriotas que os antecederam. Aos poucos, porém, os conflitos foram diminuindo e a permanência nos locais de trabalho foi mais duradoura (ACCIJB, 2008).

A imigração tinha como razão oficial conseguir braços para as colheitas, porém, não era a única razão. Havia a esperança de conseguir, com o desenvolvimento das relações comerciais entre os dois países, a conquista de um novo mercado para o nosso principal produto de exportação, o café (NOGUEIRA, 1992).

No período de 1908 até 1941 (às vésperas da eclosão da Segunda Guerra) que vai do *Kasato-Maru* (1908) até o *Buenos Aires-Maru*, que chegou a Santos em junho de 1941, num espaço de tempo de 33 anos, ingressaram no Brasil 188.309 imigrantes japoneses (UCHIYAMA; TAJIRI; YAMASHIRO, 1992).

Estudiosos destacam que a causa principal do crescimento de imigrantes japoneses depois de 1925 foi o fato de o governo japonês assumir a emigração para o Brasil como política

de Estado, levando em conta a situação do mundo, a recessão no Japão e as possibilidades de trabalho no Brasil. Então a emigração para o Brasil recebeu o máximo de apoio oficial de Tóquio (UCHIYAMA; TAJIRI; YAMASHIRO, 1992).

De 1908, quando se iniciou a imigração japonesa no Brasil, até 1973, quando o fluxo migratório foi oficialmente encerrado, entraram no país cerca de 250.000 imigrantes (SAKURAI, 2006).

O número de japoneses e seus descendentes no Brasil são estimados em 1,5 milhões de pessoas e perto de 80% residem no Estado de São Paulo (GIRALDI, 2008); cerca de 360 mil deles na cidade de São Paulo. É o maior contingente de descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou de japoneses que vivem regularmente no exterior, chamados em japonês pelo termo 'nikkey'(YAMAUCHI, 2005).

Em 2008, comemorando o centenário da imigração japonesa no Brasil, o príncipe herdeiro do Japão, Naruhito, visitou o país em junho, deixando flores no local onde o navio *Kasato-Maru* atracou, há cem anos, em Santos (SP). Naruhito inaugurou uma escultura em homenagem ao centenário, idealizada pela artista plástica Tomie Ohtake. A obra, de 15 metros de altura por 20 de largura se destaca pelas curvas e está localizada na orla de Santos (PIZA, 2008).

O príncipe também visitou outras localidades, como a capital do país, as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e o interior do Paraná. Em Brasília, Naruhito citou ainda a presença dos cerca de 300 mil trabalhadores brasileiros, denominados 'dekasegis'³, que vivem no Japão. O governo brasileiro lançou um bloco de selos e uma moeda em homenagem ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (GIRALDI, 2008).

Notamos que essas comemorações evidenciam que toda memória é coletiva (HALBWACHS, 1990), pois sendo presença do passado, nunca é somente a lembrança de um indivíduo, mas de um indivíduo em um contexto familiar, social, nacional.

Esses imigrantes trouxeram consigo milhares de mudas de cerejeiras de seu país natal com o objetivo de diminuir a saudade e manter seus costumes. No Japão, terra nativa das cerejeiras, existem vários festivais que as celebram, e em todo o mundo, as colônias japonesas tentam manter viva esta tradição. Hoje em dia, a Festa da Cerejeira, que celebra a floração das cerejeiras, acontece em nove cidades do Brasil: Apucarana (PR), Frei Rogério (SC), e nas cidades

3 A origem do termo *dekasegi*, vem com os emigrantes originários de zonas rurais pobres do Japão que visavam ganhar dinheiro e remeter o máximo possível para as famílias que ficaram na terra natal. Eram os *dekasegi*, palavra muito usada no Brasil, devido à leva de descendentes de nipônicos que seguem para o Japão com a finalidade de trabalhar, ganhar dinheiro e retornar ao Brasil, sua pátria (UMA EPOPEIA MODERNA, 1992).

paulistas de Campos do Jordão, Garça, Piedade, Suzano, São Roque, São Bernardo do Campo e São Paulo capital (bairro de Itaquera). A mais antiga é a festa de Campos do Jordão (SP), que ocorre oficialmente desde 1968, realizada logo após o término do festival de inverno da cidade (FESTA DA CEREJEIRA, 2012).

O FOLCLORE DAS FLORES NA FESTA DA CEREJEIRA EM GARÇA (SP)

Descrever uma pequena amostra da cultura japonesa no Brasil presente no folclore das flores da Festa da Cerejeira, é o objetivo da reflexão que apresentamos, abordando as relações possíveis entre a memória coletiva, o folclore e o turismo, como práticas que enlaçam uma dimensão cultural e comunicativa, realizada em um contexto determinado, a localidade de Garça, no interior paulista.

HISTÓRIA DE GARÇA

Em julho de 1916, partiu do Município de Campos Novos Paulista, uma caravana de aproximadamente 20 pessoas, chefiadas pelo Dr. Labieno da Costa Machado rumo ao oeste do Estado de São Paulo. A comitiva instalou-se às margens do Rio do Peixe. Ao descobrir um novo afluente, mudaram o rumo, seguindo o novo rio, denominando-o Ribeirão da Garça, devido ao grande número dessas aves no local (SILVA, 1977).

A terra fértil favoreceu o surgimento da primeira fazenda em 1920. Com a formação do povoado em torno da sede da fazenda, em quatro de outubro de 1924, com a presença de pessoas na localidade, Dr. Labieno fundou a cidade de Garça, então distrito de Campos Novos. A cidade se originou de dois núcleos distintos: Labieno (Labienópolis), e Carlos Ferrari (Ferrarópolis), Garça teve, ainda, várias denominações: Incas, Italina e por fim Garça (SILVA, 1977).

A cidade localiza-se no centro oeste do Estado de São Paulo, distante 415 quilômetros da capital. Faz limite com as cidades de Álvaro de Carvalho e Pirajuí (ao norte); Alvinlândia e Lupércio (ao sul); Gália e Presidente Alves (a leste); Vera Cruz (a oeste). Está distante 1180 quilômetros de Brasília, 36 quilômetros de Marília e 76 quilômetros de Bauru. Suas principais rodovias são: BR 153, SP 294 (Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros), SP 349 (Rodovia da Comunidade), SP 333, SP 300 (Rodovia Marechal Rondon) e SP 293, SP 225 e SP 228 (Rodovia Castelo Branco).

Encontra-se no Planalto Ocidental do Estado de São Paulo, e sua altura média é de 663,2 m, a área total é de 556 Km², tem solo arenoso, temperatura máxima de 28,5°C; mínima 17,8°C, um clima subtropical e população de 43.115 habitantes (IBGE, 2010).

Foi fundada em 1924, elevada a Vila em 1925 e a Município em 1928, com a instalação efetiva do Município em 1929. Por muitos anos teve sua economia baseada na agropecuária. A partir dos anos de 1980, Garça despontava no segmento da indústria eletro e eletrônica e na área de serviços (PREFEITURA MUNICIPAL DE GARÇA, 2012).

A COLÔNIA JAPONESA NA CIDADE DE GARÇA

Lembrando que as manifestações da cultura de um povo abarcam não somente as instituições, Lucena Filho (2007) afirma que a cultura também se expressa em signos múltiplos presentes nas crenças, danças, musicalidade, religiosidade, na culinária, literatura, oralidade, produções artísticas e festas. Aos visitantes de Garça são oferecidas oportunidades de conhecer os costumes japoneses, seus esportes, festas, danças, o seu folclore.

Os imigrantes japoneses chegaram a Garça atraídos pelas colônias da região de Marília, à procura de trabalho na agricultura. Muitos imigrantes japoneses, antes de chegarem a Garça, moraram em colônias juntamente com outros imigrantes ou pessoas vindas diretamente do Japão, como ocorreu em colônias de Iguape, Juquiá e Mirandópolis, entre outras no Estado de São Paulo (YAMAUCHI, 2005).

A chegada de imigrantes japoneses em Garça ocorreu na década de 1920, com o pioneiro Zinzaburo Yamato, citado por Silva (1977, p. 70) como um dos primeiros a se estabelecer na cidade. O Sr. Yamato criou cinco colônias japonesas denominadas de Yamato Shokuminti na região de Vera Cruz, cidade vizinha a Garça, entre 1920 e 1940, local em que residiram mais de 80 famílias nipônicas.

Em 1955, um grupo de sete japoneses, entre eles: Toyota, Maebata, Konishi, Tarora, Yamato, Tateishi e Fujikawa construíram a sede da Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Garça conhecida como KaiKan. O clube KaiKan⁴ é uma associação campestre que reúne os integrantes da colônia no Município (YAMAUCHI, 2005).

A Associação Cultural e Recreativa Nipo-Brasileira de Garça é outro clube que prestigia a sociedade garcense. As tradições de um determinado povo, suas danças, festas e outras manifestações folclóricas não têm apenas um sentido artístico ou demonstrativo, mas

4 O termo *Kaikan* foi traduzido como sinônimo de associações culturais e esportivas nipo-brasileiras, uma espécie de clube em que há cursos de língua japonesa, arte culinária, corte e costura, prática de esportes como judô, sumô e beisebol (TIBA, 2008).

principalmente de memória coletiva (HALBWACHS, 1990), pois conserva as heranças culturais e as transmite às próximas gerações.

A comunidade japonesa foi se consolidando em Garça ao longo dos anos, desde a chegada dos primeiros imigrantes quando as mulheres dedicavam-se à costura e os homens à agricultura, e com o passar dos anos, às atividades do comércio local.

As novas gerações foram se profissionalizando e mudando o perfil familiar, bem como a colônia japonesa. Muitos dos descendentes saíram da cidade em busca de cursos superiores, e os que permaneceram, imigrantes e seus descendentes, passaram a participar ativamente no desenvolvimento socioeconômico, cultural e político da cidade (YAMAUCHI, 2005).

Atualmente a colônia japonesa se reúne na Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Garça para comemorar datas e promover reuniões sociais, culturais e educativas. Dentre suas participações destaca-se a Festa da Cerejeira que se iniciou timidamente como um evento cultural para a colônia japonesa e hoje tem proporções maiores com o envolvimento da população local, órgãos públicos, privados e autoridades, atraindo turistas (GONÇALVES, 2006).

FESTA DA CEREJEIRA

Realizada desde 1986, a Festa da Cerejeira é um evento sem fins lucrativos para seus organizadores, sendo caracterizada por realizar, ao longo de quatro dias, atividades de promoção da cultura japonesa presentes no interior paulista, assim como destacar as belezas da *Sakurá* (Cerejeira). A mesma é realizada geralmente em um final de semana de junho ou julho, de acordo com a florada da cerejeira, em um amplo espaço aberto, onde dezenas de atrações são representadas, como shows musicais, números de dança, performances japonesas, oficinas e *workshops* (DEPARTAMENTO DE EVENTOS E TURISMO, 2012).

HISTÓRICO E GESTÃO

As cerejeiras foram trazidas para o Brasil pelos imigrantes japoneses principalmente a partir da década de 1930 e só conseguiram se desenvolver em locais mais frios do Estado de São Paulo e do sul do país. Desde 1986 o Município de Garça realiza a Festa da Cerejeira, comemoração que celebra a florada no bosque das Cerejeiras, a beira do lago Artificial J. K. Williams, um ponto turístico da cidade.

O início das cerejeiras em Garça deu-se em 1979 quando o imigrante Nelson Koshe Ichisato trouxe as primeiras mudas de cerejeiras oriundas da cidade de Campos do Jordão. Foram plantadas cento e dez mudas, porém muitas morreram, e no ano seguinte novas mudas

foram plantadas. Desde então, essas plantas se tornaram responsáveis pela maior atração turística de Garça, florescendo todos os anos entre os meses de junho e julho, encantando turistas de todo o Estado que visitam a cidade. O Sr. Nelson K. Ichisato cuidou durante anos das árvores de cerejeira com dedicação, mas atualmente é a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente quem cuida dos mais de 700 pés de cerejeiras (YAMAUCHI, 2005).

As cerejeiras estão relacionadas às colônias japonesas no país e são encontradas onde estão essas comunidades. Em 2012 a tradicional Festa da Cerejeira está em sua 26ª edição, e ocorre em um final de semana de junho ou julho, sendo a maior do Brasil. A Festa atrai durante seus dias de realização, aproximadamente de 150 a 200 mil pessoas (PREFEITURA MUNICIPAL DE GARÇA, 2012).

Em relação à promoção turística, desde 1992 a Festa da Cerejeira consta no Calendário Estadual de Eventos do governo do Estado de São Paulo, e seu objetivo principal é resgatar a cultura e a tradição japonesa. Essa Festa divulga o nome da cidade de Garça, gera vários empregos diretos e indiretos, temporários e fixos, aumentando a renda da população (GONÇALVES, 2006).

A organização da Festa oferece centenas de espaços para exploração comercial, com estandes que abrangem desde prestação de serviços, divulgação de marcas, até a venda de artesanato e comercialização de alimentos (DEPARTAMENTO DE EVENTOS E TURISMO, 2012). É importante destacar que esse comércio não se limita a elementos e produtos da cultura nipônica, sendo aberto a interessados em geral.

A comissão organizadora é formada por representantes da administração pública, da colônia japonesa e da sociedade. Promovem divulgação com cartazes, panfletos, folders, comerciais em TV e, nos seus dias de Festa há uma programação social, cultural, esportiva e gastronômica. A Festa da Cerejeira, que não tem cobrança de ingresso, possui seu próprio capital, que é conseguido com a venda dos espaços para as barracas e revertido para os gastos com esse evento (PREFEITURA MUNICIPAL DE GARÇA, 2012).

Notamos que a Festa, de início, mais restrita ao local e a comunidade japonesa, ganhou contorno majestoso, pois se converteu de festa folclórica a festa institucionalizada, se tornou um grande evento de massa. Ao percorrer sua trajetória histórica, percebemos que o evento era inicialmente organizado e direcionado aos membros da comunidade japonesa de Garça, mas com o passar dos anos, alcançou certa projeção local e regional, atraindo outras comunidades japonesas da região e também turistas em geral (GONÇALVES, 2006). Isso pode ser comprovado pela inclusão da Festa no Calendário Estadual de Eventos a partir de 1992. E ainda, no portal da

Festa da Cerejeira no Brasil, a Festa da Cerejeira de Garça é destacada como a maior do país (FESTA DA CEREJEIRA, 2012).

Contudo, ao se tornar um evento de massa e assim adquirir um caráter mais amplo, atraindo maior público, a Festa ultrapassa seu objetivo inicial de resgate da cultura e tradição japonesa (GONÇALVES, 2006), incorporando novas características à tradição. Observamos, portanto, na trajetória da Festa da Cerejeira, o fenômeno que Benjamin (2004b) denominou “fusão com elementos da cultura de massa”. Assim, o som tradicional do tambor japonês e as danças típicas alternam o palco com músicas e performances de artistas pop em evidência. As barracas vendem desde artesanato, comida típica japonesa, arranjos florais orientais tradicionais até artigos diversos, produtos *made in China*, roupas, comidas regionais do Brasil, artesanato regional, divulgação de serviços, entre outros itens. E ao lado das comidas japonesas típicas, há espaço para o churrasco e a comida baiana.

O público também demonstra as mudanças pelas quais passou o evento, pois não apenas descendentes de japoneses participam da Festa, mas turistas em geral, demonstrando que, apesar de evocar uma memória coletiva nipônica, a dinâmica da cultura mostra que o folclore não é mera sobrevivência. Na Festa, como no folclore, sempre há fatos novos permeados pela aceitação coletiva.

Quanto à organização da Festa, não envolve somente a comunidade, mas o poder público representado pelo local, no caso, a prefeitura, e outras esferas, como o regional, o governo estadual, que a promove em seu calendário oficial de eventos turísticos culturais, e também o governo federal, que é apoiador do evento.

Seus gestores promovem uma programação cultural que envolve música, gastronomia, apresentações artísticas e de cunho religioso oriental, dando visibilidade às crenças, costumes, ensinamentos do cotidiano do povo japonês, recordando fatos presentes na memória coletiva. São realizadas oficinas de mangás (quadrinhos japoneses) e de origami, a arte de dobrar papel, conhecido no Japão há séculos. Observamos que essas oficinas têm conquistado o público da Festa. Na Festa da Cerejeira, os origamis são confeccionados pelos alunos das Escolas do Município de Garça e há também a oficina de origami-Biblioteca do Centro Integrado de Educação-Pólo Arte de Garça.

Durante os quatro dias de Festa são apresentados shows de *odori*, um tipo de dança de saltos e pulos cuja origem remonta à seita *Jodo* (Terra pura), uma seita que se espalhou rapidamente no período medieval. Esta dança é apresentada anualmente na Festa da Cerejeira, com participação da comunidade japonesa de São Paulo, do bairro da Liberdade e da

comunidade japonesa de Bauru, tendo também a participação local do Grupo de Atividades da Melhor Idade de Garça. Também se pode assistir a shows musicais de percussão, executados com tambores japoneses, chamados *taiko*. Coberto por uma membrana animal, o *taiko* pode ser encontrado em diversas formas e tamanhos. Esse tambor é mais utilizado em festivais xintoístas. Os grupos que geralmente se apresentam na Festa são o Hibiki Wadaiko da cidade de Marília, o Taiko Harmonia de São Paulo e o Taiko Mugenkyo de Bauru (GONÇALVES, 2006).

A programação da Festa não abrange somente manifestações relacionadas à cultura japonesa, pois promove a fusão dessa cultura tradicional com a cultura de massa, já que no evento, artistas de projeção nacional se apresentam no local chamado Concha Acústica, um palco próprio para a apresentação de shows. Em 2011 se apresentaram nesse palco o grupo Raimundos, e o artista norte-americano J.J. Jackson. É neste palco que também se apresentam as performances relacionadas à arte e cultura japonesas.

Os meios de comunicação de massa se encontram presentes nessa organização, seja divulgando a Festa e sua programação antes do evento, e durante o decorrer do mesmo, com flashes da mesma sendo transmitidos ao vivo por emissoras regionais de TV, e notícias publicadas pelos jornais da região. Na Festa de 2011, que comemorou 25 anos, o jornal local 'Comarca de Garça' montou inclusive uma redação no evento propiciando uma cobertura completa do evento em tempo real. Os acontecimentos da Festa foram postados no blog do jornal, relatando detalhes dos shows e da área do recinto (COMARCA DE GARÇA, 2011).

Ao analisar as festas populares como processos comunicacionais e ilustrar suas mudanças, um estudioso comenta que:

Deste modo, a festa – que era a quebra do cotidiano de trabalho – passa a ser o cotidiano do trabalho para uma diversidade de novos profissionais criados pela sociedade capitalista. Figurinistas, costureiros, coreógrafos, aderecistas, floristas, decoradores, disc-jóqueis (ou DJ's), músicos, técnicos de som e de iluminação, montadores de estruturas metálicas, motoristas de palcos móveis, cozinheiros, confeitores e garçons, manobristas, seguranças, colunistas sociais, filmadores e fotógrafos (BENJAMIN, 2004, p. 138).

Essa infraestrutura também é requerida pela Festa da Cerejeira, que tem uma gestão profissional e presença de órgãos públicos e empresas comerciais em sua promoção e realização, se tornou um evento de massa. Na sua edição de 2012 a realização está a cargo da Prefeitura Municipal e seu Departamento de Eventos e Turismo e de uma comissão organizadora que envolve a comunidade japonesa e a sociedade local. O apoio e patrocínio ao evento vem de marcas como Brahma, Wizard, Ice Cola, Refrigerantes São José, Makro atacadista, além de

órgãos públicos, como o governo federal e o banco Caixa Econômica Federal (DEPARTAMENTO DE EVENTOS E TURISMO, 2012).

Observamos que a Festa da Cerejeira vem ao longo dos anos, sendo trabalhada como um evento de massa, que requer organização prévia dos envolvidos, sendo de competência da comissão organizadora a exploração comercial feita através de barracas, a definição da programação, a gestão da apresentação de grupos realizando shows, a divulgação e o contato com os meios de comunicação, a organização das apresentações, a limpeza do local, bem como conferir o cuidado no manuseio de alimentos, oferecer adequada instalação elétrica e banheiros em quantidade suficiente para o público. Notamos que até mesmo a coleta seletiva foi implantada no evento. Portanto, compreendemos que a questão econômica amplia o evento e profissionaliza sua gestão, e a cultura de massa, o moderniza, dando novos contornos à tradição.

O FOLCLORE DAS FLORES

O folclore das flores é uma característica da cultura japonesa e no Japão as cerejeiras são muito apreciadas, pois as pessoas se reúnem para admirar sua beleza. Para a colônia japonesa, a cerejeira (*sakurá*), é considerada símbolo do Japão, e cultuada como a própria bandeira ou hino nacional. Há uma lenda que envolve a princesa Konohana Sakuya Hime que teria caído do céu nas proximidades do Monte Fuji, e na queda teria se transformado nesta bela flor (FESTA DA CEREJEIRA, 2012).

O código de honra dos samurais tem na *sakurá* a metáfora da beleza e fragilidade, porque recorda que a vida é passageira, já que essa flor dura poucos dias. Quando se inicia a primavera no hemisfério norte, o Japão é tomado por um fenômeno que dura dois meses, chamado de *sakura zansen*, que significa linha de frente das cerejeiras. Primeiro, elas desabrocham nas árvores do sul do país, em Okinawa, e vão em direção ao norte, até Hokkaido. Os meios de comunicação do país divulgam as floradas junto com o serviço de meteorologia. E os apreciadores da flor fazem roteiros turísticos que acompanham a mudança da paisagem.

A cerejeira é uma árvore da família das rosáceas. No Japão existem aproximadamente 200 espécies de cerejeiras, com flores que vão do vermelho ao branco, passando pelo rosa e pêssego. No Brasil, poucas variedades de cerejeira conseguiram se desenvolver devido às variações climáticas. A variedade de *sakurá* que mais se adaptou foi a '*okinawa sakurá*', originária da ilha de Okinawa, que tem as mesmas características climáticas do Brasil (FUNDAÇÃO JAPÃO, 2006).

As flores ficam uniformes na árvore de um a dois dias no máximo, quando atinge seu pico. No terceiro ou quarto dia, as flores se desprendem totalmente, o que para a cultura japonesa, representa a transformação espiritual, a mudança para outro estágio de vida e busca de um futuro melhor (COMARCA DE GARÇA, 2011).



Foto 1 – Bosque das Cerejeiras de Garça em dia de festa
Fonte: Diogo Júnior.

Além das cerejeiras, na Festa se destaca também o *bonsai*, que são árvores ou plantas em miniatura cultivadas em vasos rasos, com métodos especiais que controlam o crescimento e as protegem de insetos e doenças, consideradas verdadeiras obras de arte. Por décadas, essas plantas foram moldadas em formatos que relembram um pinheiro majestoso no fundo de um vale, cujas raízes estão agarradas às rochas. Rememorar, para Halbwachs (1990) pode ser apenas um dado abstrato, mas também tem o poder de formar imagens e como tal permanecer, ou ainda, transformar-se em lembrança viva. Assim, o bosque das cerejeiras e o *bonsai* se tornam a presença viva da lembrança da terra natal e que despertam sentimentos originários num passado, mas que podem ser revividos no aqui e agora. Existe um jardim oriental no lago, local da Festa, como um lugar de beleza, descanso e meditação.

O *bonsai* é resultado de exercício de artificialidade; é a própria natureza sendo moldada pelo homem, seu objetivo é trazer a natureza à nossa volta. As árvores de *bonsai* são trazidas por vendedores, muitos deles descendentes de japoneses, para a venda na Festa, e o preço varia conforme o tamanho da árvore ou tipo de planta. Também se comercializam orquídeas durante a Festa da Cerejeira e há uma procura de colecionadores e produtores em busca de intercâmbio entre especialistas. No evento, também são oferecidos *workshops* gratuitos de *bonsai* e *ikebana* aos visitantes.

Ikebana é o nome que designa um arranjo floral, também conhecido como *Kadô* ou *Sôka*, e teve suas origens na oferenda de flores aos deuses. Após a Segunda Guerra Mundial é que esse arranjo se modernizou, sendo valorizado em sua arte e difundido internacionalmente. No *workshop* de *Ikebana* oferecido na Festa, é possível conhecer e aprender a fazer o arranjo floral.

Celebrar as flores é lembrar-se da terra natal, do grupo do qual o indivíduo já fez parte, sendo um modo de retomar as experiências comuns do grupo. De acordo com Halbwachs (1990) o indivíduo que lembra é sempre alguém inserido em um grupo de referência. Essas manifestações do folclore japonês presentes na Festa da Cerejeira de Garça contribuem, para que durante os dias da Festa, um pouco da cultura japonesa esteja presente no Brasil, possibilitando a todos os envolvidos, seja membro da colônia japonesa ou turista, resgatar certas vivências culturais, porém, dentro de um contexto e um quadro de situações e interesses atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preservar a identidade e promover sentimentos de pertença, assim trabalha a memória coletiva, para que o passado seja reconstruído segundo os interesses de um grupo. Na cidade de Garça, os primeiros japoneses chegaram por volta de 1920 atraídos pelo trabalho na agricultura, se consolidaram na cidade e ajudaram em seu desenvolvimento (YAMAUCHI, 2005). Com eles vieram também suas manifestações folclóricas, relacionadas a seu cotidiano e universo afetivo, com destaque para o folclore das flores.

Lembrar não é apenas reviver, mas refazer as experiências do passado, sendo a memória fruto de um trabalho coletivo que envolve o relacionamento com a família, classe social, comunidade, ou seja, um grupo de pertencimento (HALBWACHS, 1990).

O Município de Garça, a colônia japonesa e a Festa da Cerejeira se entrelaçam como expressão da cultura e da identidade local, alcançando relevância no cenário turístico regional. A preservação dessa memória coletiva envolve não só a comunidade japonesa, pois essa, ao evocar o seu passado no Japão reconstruindo suas manifestações, passa também a estabelecer relações com outros membros da sociedade. Ao se tornar um evento de massa, a Festa da Cerejeira conseguiu a aceitação de um novo público e se tornou a maior do país, mas mantém a participação de seu grupo de origem.

O folclore das flores presente na Festa da Cerejeira, desde seu surgimento com as primeiras mudas e a transformação do local em um dos pontos de visitação turística da cidade, oferece aos visitantes uma forma de conhecer um pouco mais sobre a cultura e os costumes japoneses.

Em 1986, o Município de Garça realizou a primeira Festa da Cerejeira, que comemora a celebração da florada das cerejeiras, e assim anualmente, no mês de junho ou julho, a tradicional Festa atrai milhares de pessoas. Tendo como objetivo resgatar a cultura e a tradição japonesa, a Festa se tornou uma marca da cidade, pois projeta a localidade no cenário turístico estadual, conseqüentemente atraindo turistas e divisas para o local (GONÇALVES, 2006). De festa folclórica, portanto, passou a festa institucionalizada, adquirindo características de um evento de massa, com organização profissional, patrocinadores, cobertura midiática, e se converteu em espetáculo que extrapola uma relação restrita a elementos da cultura nipônica. Contudo, apesar de sua dimensão massiva, a Festa da Cerejeira perpetua elementos tradicionais da cultura japonesa como o folclore das flores, que pode ser considerado como uma lembrança da terra natal, vinculando a identidade e a memória coletiva do grupo a um contexto atual.

E nessas manifestações percebemos o papel fundamental da Comunicação na perpetuação dessa memória, pois “representa o próprio motor do simbolismo cultural” (MELO, 1998, p. 187), já que a comunicação permite a transmissão de experiências para as gerações seguintes. Na Festa observamos que a comunidade japonesa tem sua cultura comunicada nas manifestações folclóricas, na venda de bonsais por descendentes de japoneses, nas trocas de informação sobre o cultivo de orquídeas, no artesanato e na comida típica, nas expressões artísticas, além do próprio bosque das cerejeiras, sendo a lembrança do passado em relação dinâmica com o presente. Esses elementos da memória coletiva se fundem ao contexto atual quando observamos a gestão profissional do evento, os shows pop, a veiculação midiática, os patrocinadores e apoiadores, as barracas que comercializam produtos diversos, além do próprio público, que tem características variadas, sendo composto por descendentes de japoneses e turistas em geral, de todas as idades.

Portanto, entendemos que a memória coletiva presente na Festa da Cerejeira não envolve apenas representações do passado da colônia japonesa, mas entrelaça práticas que vinculam o passado ao presente, numa dinâmica comunicacional que reelabora a festividade a cada ano. **RIF**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PARA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL (ACCIJB). **História da Imigração.** Disponível em: <http://www.centenario2008.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=30>. Acesso em: 15 jul. 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

_____. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2000.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

CARVALHO, Samantha Viana Castelo Branco Rocha. Metodologia folkcomunicação: teoria e prática. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 110-124.

COMARCA DE GARÇA. **Comarca na 25ª Festa da Cerejeira**. Disponível em: <http://jcomarcanacerejeira.blogspot.com.br/p/historia-das-cerejeiras_01.html>. Acesso em: 10 maio 2012.

DENCKER, Ada Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DEPARTAMENTO DE EVENTOS E TURISMO. **XXVI Festa da Cerejeira de Garça-SP**. Disponível em: <<http://www.festadacerejeira.com/?pg=home>>. Acesso em: 10 maio 2012.

DMITRUK, H. B. Pesquisa bibliográfica e outros tipos de pesquisa. In: _____. (Org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. 6. ed. Chapecó: Argos, 2004. p. 67-76.

FESTA DA CEREJEIRA. Disponível em: <<http://www.festadacerejeira.com.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Cerejeira**. Disponível em: http://www.fjsp.org.br/guia/cap18_c.htm Acesso em: 10 dez. 2011.

GIRALDI, R. Príncipe do Japão quebra protocolo ao encontrar Lula e Marisa. **Folha Online**, 18 jun. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u413626.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE Cidades. **Garça**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=351670>. Acesso em: 10 dez. 2011.

KIYOTANI, M.; YAMASHIRO, J. Do Kasatu-Marú até a década de 1920. In: UMA EPOPÉIA MODERNA: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p. 63-135.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande-PB: uma estratégia de folkmarketing**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore brasileiro**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, A.R. Antecedentes da imigração japonesa no Brasil. In: UMA EPOPÉIA MODERNA: **80 anos da imigração japonesa no Brasil**. Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p. 35-58.

PIZA, P. T. Naruhito visita o porto de Santos e deixa flores em monumento em homenagem aos imigrantes. **Folha Online**, 21 jun. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u414785.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GARÇA. **Definidas as datas para a XXVI Festa da Cerejeira**. Disponível em: <http://www.prefgarca.sp.gov.br/html/modules/news/article.php?storyid=2100&keywords=festa+cerejeira>>. Acesso em: 9 maio 2012.

_____. **Garça, 83 anos de desenvolvimento socioeconômico**. Disponível em: <http://www.prefgarca.sp.gov.br/html/modules/news/article.php?storyid=2190&keywords=festa+cerejeira>>. Acesso em: 9 maio 2012.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SAKURAI, C. **Os imigrantes japoneses em terras brasileiras**. Disponível em: http://www.fjsp.org.br/guia/cap01_a1.htm>. Acesso em: 10 dez. 2011.

SANTOS, J. C. Cuidados necessários quando apresentamos eventos de cunho folclórico como atrativo turístico. In: BREGUEZ, Sebastião (Org.). **Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Intercom, 2004. p. 129-136.

SILVA, C. G. **Livro de Garça**. Colônia japonesa e o turismo. Garça: [s. n.], 1977.

TIBA, I. As festas no Kaikan e as gincanas de undokai. Disponível em: <<http://www.japao100.com.br/perfil/808/historia/942/>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

TRIGO, L. G. **Turismo básico**. 7. ed. Senac: São Paulo, 2004.

UCHIYAMA, K.; TAJIRI, T.; YAMASHIRO, J. Emigração como política de estado. In: **UMA EPOPÉIA MODERNA: 80 anos da imigração japonesa no Brasil**. Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p. 136-246.

UMA EPOPÉIA MODERNA: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

YAMAUCHI, D. **Imigração japonesa**: levantamento de dados históricos sobre a chegada de imigrantes japoneses na cidade de Garça. 2005, 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Faculdade de Ciências Humanas, Garça, 2005.